

AGORA EU TE QUERO AMAR¹

José Joaquim da C. Macedo Junior

– És muito linda! teu lábio
Tem um riso de matar,
Quando tu choras, donzela,
Quem fica sem soluçar?
Teus feitiços de magia,
Mas eu não te posso amar.

Quando tu saís a passeio
Tanto requebro no andar,
Teu seio langue estremece
Como de amor a chorar.
Tens tantas graças! tantas!
Mas eu não te posso amar.

Teus olhos negros e ardentes
Vivem só a requebrar,
Dizem volúpias das chamas,
Que vibram a cintilar,
Falam tantos... tantos gozos...
Mas eu não te posso amar.

– Sou muito linda! meu lábio
Tem um riso sedutor,
Tudo em mim – tudo é volúpia,
Tudo estremece de ardor:
Amor: suspira o meu seio
Meus olhos falam: amor.

Na minha alma nunca pousam
As aflições de uma dor,
Borboleta da inconstância
Eu corro de flor em flor,
Busco em todas mel de gozo
Em nenhuma achei amor.

Hoje te vi; minha face
Perdeu logo a sua cor,
Ai! tanto fogo nos olhos
No seio – tanto calor!

¹ MACEDO JUNIOR, José Joaquim da C. *Agora eu te quero amar*. pp. 354-357. In: **Parnaso brasileiro**: século XVI-XIX. Volume II - 1840-1880. Século XIX - Quinto período (até 1880). Segunda edição. Rio de Janeiro: Garnier, 1885. 605p.

Borboleta, eu corto as azas,
Não procuro mais o amor.

Eu te vi; agora triste
Não sou borboleta não,
Sou mariposa perdida
Na chama de uma paixão,
Agora eu quero somente
Somente o teu coração!

Eu amo a flor desmaiada,
a campina soluçando,
Junto ao regato pendida,
Seus amores descartando,
Onde a brisa pouse alegre
E saia triste e chorando.

Eu amo a rola singela
Gemendo na capoeira,
Mandando à luz, que desmaia,
Sua prece derradeira
Num soluço, que estremece,
Os galhos da laranjeira.

Eu amo um pranto cantado
Pela paixão da agonia,
Na hora, em que a flor de maia
Aos beijos da brisa fria,
Quando o sol morre nas ondas
Com seus raios de harmonia.

Eu amo o deserto agosto,
Repetindo a voz de amore
Da canção do pintassilgo:
Eu amo os prados, as flores,
Amo o riso em lábio triste,
Arno o gemido das dores.

Tudo é o que é melancolia,
Tudo é o que eu sinto chorar;
A voz augusta da noite,
Que Deus só pode escutar,
Se eu amo tudo que é triste
Como é que eu te posso amar?

– Amas a flor desmaiada
Da rola gemendo o pranto,
Na solidão da agonia
Um tri te e inteiro canto,
Tudo o que rouba da noite
Um véu de dor ao seu manto?

Pois eu sou a flor pendida
Que tem a dor por altar,
Sou a rolinha singela
Que vive de soluçar:
Agora – bem vê – sou triste
Não me podes inda amar.

– Não és – donzela – bem vejo
Não és borboleta, não;
És mariposa encantada
Nas chamas de uma paixão;
Não tens azas – borboleta,
Eu te dou meu coração!